



Max Keindel

CONFERÊNCIA XVII



O Mistério do Santo Graal



Traduzido e composto por:
Fraternidade Rosacruz-Centro autorizado do Rio de Janeiro
Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 2052-210
Telefone celular:(21) 9548-7397- E-mail: rosacruzmhrio@gmail.com

Adaptado por:
Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux

Matriz:
THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP
Rosicrucian Fellowship , 2222 Mission Avenue - Oceanside, CA 92058-2329
www.rosicrucian.com
www.rosicrucianfellowship.org
(760) 757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)

© 2013 The Rosicrucian Fellowship, All rights reserved

CONFERÊNCIA XVII

O Mistério do Santo Graal



Visão do Santo Graal, Sir Edward Burne-Jones (1833-1898)

Neste capítulo, vamos considerar um dos Mistérios da antiguidade. Encontrando-se em muitas partes do mundo ocidental na Idade Média, tal Mistério tem existido paradiversos povos sob diferentes aspectos desde a aurora da consciência humana.

Como já dissemos, na Europa, na Idade Média, havia certos Mistérios: ao norte da Rússia, os Trottes ensinaram certa fase do Mistério do Mundo; na Irlanda, floresceram os Druidas. Contam-nos que os nossos ancestrais rezavam debaixo de um carvalho; isto leva-nos na direção dos Druidas, porque druida significa carvalho. E quando se conta que Bonifácio abateu o carvalho, devemos inferir que Bonifácio pôs fim ao ensino dos Druidas.

O Mistério do Graal era do norte da Espanha. Estava sob a guarda de um grupo de cavaleiros santos que viviam no Castelo de Montsalvat, sendo seu propósito proclamar grandes verdades espirituais à humanidade, de tal maneira que esta pudesse entendê-las como através de simbolismos ou uso de imagens, pois, de outro modo, ficariam fora do alcance do intelecto daqueles tempos.

O homem chegou ao presente estado evolutivo vindo de um outro em que não possuía absolutamente nenhuma consciência externa do seu próprio corpo.

Dirige-se agora a estágios mais avançados ainda, por isso os mitos e símbolos eram os meios de o preparar para a compreensão intelectual do caminho que precisava seguir.

Assim, aqueles que tiveram contacto com esses Mistérios, que foram ensinados,

que escutaram, são os que agora se inclinam ou se interessam por tais assuntos, enquanto a maioria que ficou de fora não pode ainda, naturalmente, sentir o anseio interno por uma vida espiritual. De forma que, se sentimos de facto no íntimo influências espirituais, isto mostra que algum dia fomos preparados em algum desses Mistérios para compreender intelectualmente aquelas verdades, como mostra também que o repetido impacto dado pelos primitivos mestres é o que responde pelo avanço da humanidade a estados superiores. Repetição não é absurdo. Pelo contrário, é de máxima importância que as verdades espirituais sejam repetidas muitas vezes.

Dissemos anteriormente que a humanidade - ou a sua maior parte, pelo menos - trabalha hoje sobre o corpo de desejos tentando refrear os seus desejos através da lei. Contudo, quando se inicia o desenvolvimento oculto, quando o homem está pronto para se converter em precursor, é o corpo vital que deve ser trabalhado, e este corpo atua especial e peculiarmente por efeito da repetição.

O corpo vital é o princípio mais importante da planta. É o que nela faz crescer caule e folha em sucessão alternada, de modo que fique cada vez mais alta. E, invariavelmente, ela prossegue repetindo tudo: talo, folha, ramo. Sempre a mesma coisa. É o modo pelo qual atua tudo o que só tem corpo vital. Analogamente, se quisermos atuar sobre o corpo vital, precisamos fazê-lo pelo método da repetição.

Quatro são os éteres presentes no nosso corpo vital, sendo que os dois inferiores cuidam das funções físicas, conforme vimos na Conferência XI - *Visão e Percepção Espirituais*. Vimos também ali que os dois éteres superiores nos acompanhavam quando precisávamos retirar-nos do corpo denso para funcionar nos mundos suprafísicos. Este repetido impacto é o que torna possível a separação entre os dois éteres inferiores e os dois superiores.

Esta é a razão de ainda serem as igrejas fatores importantes no desenvolvimento espiritual, pois ali o fiel é instado a *orar sem cessar*. Só que não devemos orar egoisticamente, mas de maneira altruística e em harmonia com o Bem Universal. Se orarmos por chuva e o nosso vizinho orar por estiagem, certamente poderá a anarquia prevalecer nas condições meteorológicas se ambas as orações forem atendidas. Nem devemos imaginar que, com elas, compramos a Deus, conforme parece ser o conceito daqueles que elevam sobremaneira a voz nas reuniões de oração. Existe uma certa atitude espiritual de oração que o místico conhece muito bem quando se recolhe no seu aposento com tal objetivo.

Orar é como acionar um interruptor de eletricidade. A chave não gera a corrente; simplesmente estabelece uma ponte ou canal pelo qual a corrente elétrica pode fluir. De modo idêntico, orar estabelece um canal do qual a vida e a luz divinas podem jorrar por si no nosso interior, proporcionando-nos iluminação espiritual.

Se o contacto do interruptor fosse feito de madeira ou vidro, inútil seria. Com efeito, constituir-se-ia até em obstáculo à passagem da corrente elétrica, porque, sendo aqueles elementos isolantes elétricos, estariam contrariando a natureza desta. Para funcionar, os contactos da chave devem ser feitos de metal ou outro elemento condutor. Ficam assim em harmonia com as leis físicas da condutância elétrica.

Se as nossas orações são egoístas, mundanas, e não levam em conta os interesses do próximo, assemelham-se ao interruptor de madeira, isto é, anulam o próprio objectivo visado porque contrariam o propósito de Deus, que é AMOR. As linhas abaixo apareceram no *London Light* há alguns anos ¹, tendo sido guardadas por este autor como um modelo de Prece Ideal.

(ORAÇÃO ROSACRUZ)

Não Te pedimos mais luz, ó Deus,
Senão olhos para ver a luz que já existe;
Não te pedimos canções mais doces,
Senão ouvidos para ouvir as presentes melodias;
Não te pedimos mais força,
Senão o modo de usar o poder que já possuímos;
Não mais Amor, senão habilidade
Para transformar a cólera em ternura;
Não mais alegria, senão como sentir
Mais próxima essa inefável presença,
Para dizer aos outros tudo o que já temos
De entusiasmo e de coragem.
Não te pedimos mais dons, amado Deus,



Mas apenas senso para perceber
E melhor usar os dons preciosos
Que já recebemos de Ti.
Faz com que dominemos todos os temores,
Que conheçamos todas as santas alegrias,
Para que sejamos os Amigos que desejamos ser,
Para transmitir a Verdade que conhecemos;
Para que amemos a pureza,
Para que busquemos o Bem,
E, com todo o nosso poder, possamos elevar
Todas as Almas a fim de que vivam em
Harmonia e na Luz de uma Perfeita Liberdade.

Este é o tipo de oração que eleva, que enobrece o ser humano, de forma que, quanto mais o homem ou a mulher cultive essa atitude mental e alimente estas aspirações sublimes, tanto mais conseguirá libertar os dois éteres superiores do corpo vital. Por isso, ao recomendarem as igrejas “orai sem cessar”, situam-se elas dentro dos ensinamentos ocultos, pois, deste modo, pela constante repetição, o corpo vital é moldado dentro de grandiosas aspirações. Antes de podermos prosseguir ao longo do caminho oculto, devemos necessariamente afrouxar a ligação entre os éteres superiores e inferiores, capacitando-nos assim a funcionar fora do corpo denso, que fica então a cargo dos dois éteres inferiores. E aqui reside o problema do médium e de outros que desenvolvem certo grau de clarividência involuntária através de exercícios respiratórios: quando tais pessoas conseguem sair dos seus corpos densos, fazem-no involuntariamente, levando consigo três éteres, ao invés de dois. Resultado: o corpo denso fica com insuficiência de éter para o manter em funcionamento normal. Em consequência, podem ocorrer distúrbios mentais e morais, culminando muitas vezes em loucura.

Só há um modo seguro de desenvolver as nossas faculdades latentes. Não importa o que digam ao contrário, a experiência prova que a conquista de poderes espirituais depende de purificação e aspirações inegoístas. E era isto o que os Mistérios ensinavam na antiguidade.

Para compreendermos o Mistério do Santo Graal é necessário retrocedermos, seguindo as diferentes épocas, ao tempo em que a Terra saiu do caos. Reinava, então, a escuridão, e o homem encontrava-se ainda submerso na Terra, e a Vida ali actuava para o despertar. Naqueles tempos, Adão era da mesma matéria terrena que são os minerais do presente.

Chegamos depois à segunda época - Época Hiperbórea - quando o homem já possuía corpo denso e vital e existia no estado vegetal. O seu alimento eram as plantas, tanto que dele se fala como “Caim, o agricultor”.

A seguir, vem a Época Lemúrica, em que o homem adquiriu o corpo de desejos. Aqui ele já possui três veículos, como os animais, e encontrava-se num estado em que precisa de um alimento de natureza tal que possa nutrir os seus três corpos. Este alimento ele o obtém de animais vivos, e desse homem ouve-se dizer que foi pastor. Era Abel.

Chegamos depois à quarta época - Época Atlante - quando o homem desenvolveu a mente. O pensamento destrói tecidos constantemente, causando degeneração; portanto, ele precisou acrescentar algo à sua comida, algo que tendesse a se deteriorar no seu organismo. Foi então que começou a comer cadáveres deteriorados de animais. Por isso, diz-se que Nimrod era um poderoso caçador.

Finalmente, o homem chegou àquela fase evolutiva em que devia esquecer a sua natureza espiritual e acreditar que a vida física era a única em que ele existia, precisando, portanto, de algo que o ajudasse a esquecer. Tal fase começou com Noé e os poucos que com ele se salvaram, os quais constituíram-se em precursores da presente Época Ária, sendo também Ele que cultivou a videira e fez o vinho que ajuda o homem a esquecer. Era necessário que ele esquecesse temporariamente o lado espiritual da sua natureza a fim de que pudesse desenvolver plenamente o seu lado material. Eis porque Cristo transformou a água em vinho, o que é simbolicamente representado pelo seu *primeiro* milagre.

Nas religiões primitivas, usava-se apenas água nos rituais templários. O deus do vinho, Baco, surgiu na Grécia anteriormente a Cristo a fim de preparar a era de

orgias que se impunha para o ser humano esquecer. E assim tornou-se mais e mais material. A religião cristã foi a única que sancionou o uso do vinho. O homem, em consequência, ficou inteiramente encerrado no seu veículo físico. Agora, contudo, outro impulso precisa ser-lhe dado para o libertar, e, presentemente, já podemos notar sinais evidentes deste impulso em muitas direções, um dos quais, por exemplo, é o grande movimento pró-temperança que se tem alastrado pela América, nação que já foi cognominada muito propriamente de “Cadinho”.

O vinho, agora, está sendo substituído por água, inversamente. Já conseguimos conquistar o mundo material, conforme atesta o maravilhoso progresso do mundo ocidental. Devemos, por isso, retornar ao uso da água para que possamos recobrar, num nível mais elevado, aquela visão espiritual que um dia perdemos. Este é o objetivo pretendido pelo Mistério do Santo Graal: purificar o homem a tal ponto que o mesmo se capacite a reaver a visão espiritual. Assim como damos hoje aos nossos filhos livros ilustrados com gravuras, assim também os mitos nos foram dados na antiguidade para que pudessem actuar sobre os nossos *sentimentos*, preparando-nos para a compreensão.

Os cavaleiros do Graal possuíam duas características muito marcantes: pureza e inofensividade, as duas qualidades que andam sempre de mãos dadas.

Vimos, nos últimos capítulos, que quando uma entidade - seja um Espírito Grupo ou um Espírito individual - é forçada a abandonar o seu corpo abruptamente, como num brusco puxão, por assim dizer, como é o caso de morrer assassinado, sempre deixa algo para trás.

Se apanharmos um pêsego maduro e o cortamos ao meio, o caroço salta livre, desligando-se por completo da polpa da fruta. Por outro lado, se fizermos o mesmo com um pêsego verde, verificaremos que um pouco de sua polpa também sai com o caroço, mostrando uma tendência para se aderir a este, que a polpa do pêsego maduro não mostra.

Consideremos agora, o caroço como sendo aquele corpo, a parte dura e cristalizada do ser, e a polpa, digamos, que é o Espírito, a parte subtil do mesmo ser. Se tentarmos separar bruscamente, como golpeando com violência, o que acontecerá? Simples: o corpo físico reterá uma parte da alma- seja do homem

ou do animal - parte essa que é sempre inferior. Quando Cristo se retirou bruscamente do seu envoltório físico devido à morte violenta na cruz, algo aderiu e ali ficou no corpo de Jesus. Esse algo foi a parte mais inferior dos princípios mais elevados de Jesus, porque até ele, o mais perfeito dos homens, possuía algo de imperfeito. Essa parte, pois, precisava ser deixada para trás pra que somente a parte absolutamente pura fosse extraída.

Ao matar-se um animal, a parte mais inferior da sua alma adere ao seu corpo, ficando o Espírito Grupo livre da parcela de paixão retida naquela carne que comemos. Entretanto, esse Espírito Grupo pensa incessantemente: “Preciso conseguir outro veículo”, e tal ideia é impressa em cada célula dos animais assassinados coletivamente. Daí o forte desejo sexual despertado por cada pedaço de carne, impelindo-nos à sua satisfação.

Foi Nimrod, o Atlante, quem primeiro matou para comer, inaugurando assim um mal social. Vimos que, prejudicando os animais ao matá-los, estamos simultaneamente prejudicando ainda mais a nós próprios, porque, desse modo, continuamos a alimentar esse mal social que está em nós. E quando dizemos mal social, não nos referimos aquele que *comumente* é assim chamado - as profanidades de igrejas e Estado - mas significamos todo e qualquer relacionamento sexual, salvo aquele que se pratica como um sacrifício destinado a proporcionar corpos para Egos reencarnantes. Qualquer outro emprego da função criadora é um mal social.

Agora que compreendemos a relação entre mal social e alimentação carnívora, que exige que arrebatemos a vida a outros seres, podemos entender porque os Cavaleiros do Santo Graal eram puros e inofensivos. E entender também a razão porque só quando chegar o tempo em que Parsifal quebre o seu arco para não mais matar e diga: “Não mais comerei estas partículas que clamam por uma existência separada e precisam criar continuamente, mas viverei uma vida pura e inofensiva”, só quando chegar a tal ponto na vida, poderá o homem sentir compaixão. Enquanto matarmos, não podemos sentir a verdadeira compaixão.

Você e eu, que vivemos sob complicadas condições, pelas quais a matança se efetua em recintos especiais, por certo nunca vimos os animais serem mortos,

embora sejamos tão responsáveis pelo pavor e pela angústia que deles se apodera em tais momentos, como se aí estivessemos pessoalmente a matá-los. Poderíamos ir até esses lugares sangrentos, apanhar ali uma faca, cravá-la numa daquelas indefesas vítimas, ver com os seus próprios olhos a vida abandoná-la, e depois de tudo, sairmos para nos deliciarmos com suas carnes? Não, não poderíamos. Evoluímos o bastante para isso. E é somente porque podemos conseguir a carne sem precisar sujeitar-nos à repugnante visão do matadouro, que prejudicamos também a outro irmão nosso. Pelo facto de nós não querermos ir para lá, ele tem que ficar dia após dia, mês após mês, ano após ano: matando, matando, matando sempre. Você e eu apenas escapamos do embrutecimento que se pode ver concentrado nele, e concentrado a tal ponto que a lei considera o talhante um réprobo em certo sentido, não o permitindo participar de um júri nos julgamentos em que são possíveis as penas de morte, já que o mesmo brutalizou-se tanto que perdeu todo o respeito pela vida.

Amigos! Deixemos de ser destrutivos. Visemos construir deixando todas as criaturas viverem! Elas têm tanto direito à vida quanto nós. Ella Wheeler Wilcox expressa tal direito nos belos versos que seguem:

Eu sou a voz daqueles que não falam,
através de mim o mudo vai falar
até que o surdo ouvido do mundo
seja aberto para escutar
as injustiças contra o fraco,
que não sabe se expressar.

A mesma força formou o pardal
o rei, aquela criatura moldada.
Tanto para seres de pele como de pena,
Pelo Deus *do Todo*
uma centelha de alma, a cada um foi dado.

*Eu sou o guardião de meu irmão,
e até que o mundo corrija as coisas
a luta deles lutarei,
e para animais e aves
a palavra falarei.*



Agora, já avançamos tanto, que começamos a ver a aplicação disso num crescendo, e ainda mais do que vimos em Parsifal e no Santo Graal. Vemos assim que a compaixão começa quando abandonamos nossos apetites inferiores. E quando nos tornamos puros em pensamentos, desejos e corpo é que realmente progredimos.

No mito de Parsifal, conforme apresentado por Wagner, temos uma das mais admiráveis interpretações do fato de que certa classe entre nós pode avançar mais e tornar-se auxiliar da humanidade. Parsifal representa o homem que purificou-se e tornou-se inofensivo. Isto foi percebido e sentido espiritualmente por Wagner na manhã de uma Sexta-Feira Santa, quando, sentado à beira de um lago em Zurich, observou à sua volta as forças vitais atuando em tudo. Inúmeras sementes brotavam em meio a todo aquele maravilhoso fluxo de vida. Então, o artista perguntou-se: “que relação poderia haver entre a morte do Salvador na cruz e aquela explosão de vida na Natureza?” E aí ele chegou no âmago do Mistério do Santo Graal.

Recordemos, especialmente da Conferência anterior, que o homem é o inverso da planta. Platão expressou esta realidade esotérica quando disse: “A alma do mundo está crucificada”. Com efeito, o braço horizontal da cruz representa as linhas de influência do Espírito-Grupo animal que circundam a Terra, e que atuam através da coluna vertebral horizontal dos animais, os quais se situam entre os vegetais e os humanos. As plantas são representadas pelo braço inferior, e o homem, pelo braço superior do sagrado lenho.

Sabemos que os Espíritos-Grupo das plantas atuam a partir do centro da Terra, de onde irradiam ininterruptamente linhas de força que atravessam as árvores e demais plantas. O homem, pelo contrário, recebe do Sol as influências espirituais pela cabeça, sendo por isso, e de certo modo, uma planta invertida. Sabemos também que as plantas absorvem seu alimento pela raiz, opostamente ao homem, que o faz pela cabeça. A planta é casta e desapaixonada: do modo mais puro, estende seu órgão criador, a formosa flor, em direção ao Sol. O homem, inversamente, dirige o seu, eivado de paixão, em direção à Terra. O homem é mais uma vez o oposto da planta pelo fato de que exala o venenoso dióxido de carbono, enquanto a planta libera só oxigênio vivificante. Pois bem, o Mistério do Santo Graal destinou-se a incutir no homem, ou melhor, a fazê-lo *sentir* tais verdades. Por conseguinte, dizia-lhe:

“Olha em volta de ti e vê como por toda parte na Natureza as incontáveis plantas crescem e as sementes brotam. A força criadora que nelas vês é a mesma que

atua em ti e em toda criatura humana, só que nos vegetais ela expressa-se de maneira inversa. Entre a planta e Deus, existe um abismo de paixão.

Os animais também estão sujeitos à paixão, uma vez que lhes corre nas veias o sangue vermelhopassional. As plantas, porém, são puras, e tal pureza precisa ser recuperada.

Há certos estados de desenvolvimento que precisas atravessar. Precisas tornar-te puro e desapaixonado outra vez. Portanto, este emblema - o Cálice Graal - que aqui vê, representa o casulo de sementes da planta. É o símbolo da pureza, que se recomenda manteres permanentemente diante dos olhos a fim de que aspire este sublime ideal: a pureza que está incorporada na planta.”

Este conceito também está implício no Cálice da Comunhão usado nas igrejas, que, deste modo, simboliza igualmente o ideal pelo qual precisamos lutar. Na Alemanha, o Cálice da Comunhão tem o mesmo nome do cálice da flor: *Kelch*. E em outros diferentes idiomas, o significado é idêntico.

Portanto, o Cálice da Comunhão não é um cálice de vinho, mas um cálice que podemos considerar como receptáculo da própria essência da vida em sua antiga pureza, uma essência espiritual vivificante. Não o espírito entorpecente descoberto por Noé, não o espírito fermentado da deteriorização, mas aquele líquido vivificante que é o sangue da planta. Temos aí a descrição de um dos emblemas criados para os discípulos dos Mistérios como ideais a serem realizados.

O outro era a lança sagrada, simbolizada pelo raio do Sol que desce e abre a flor. Os raios do Sol representam a força espiritual que tudo produz e mantém no universo. É a mais potente força, mas também a mais perigosa quando utilizada sem o necessário discernimento ou empregada abusivamente, conforme foi muito acentuado na lenda de Parsifal. Na lenda, Amfortas, Klingsor e Parsifal representam as três classes: a dos que usam essa força criadora indiscriminadamente - Amfortas; a dos que a empregam com propósitos egoístas - Klingsor; e a dos que se utilizam para o único fim a que se destina - Parsifal.

A força é a mesma, mas os seus efeitos variam consoante o uso que dela se faz. O fogo é o maior aliado do homem quando controlado e usado com bons propósitos. Usado, porém, ignorantemente ou com más intenções torna-se um dos mais perigosos elementos.



Parsival e o Santo Graal - JAK,napp

Parsifal representa o místico cujos *sentimentos* foram despertados. Por isso, não está apto a dispor da força criadora até ser tentado, pois aquele cujos sentimentos são intensos é muito suscetível de errar. Contra o mal evidente, ele está garantido em razão de sua própria inocência, como Parsifal ao ser incapaz de perceber qualquer sensualismo no assédio das donzelas-flores. Ele é tão ingênuo e puro que aquilo em nada o afetou. Contudo, *inocência* não é, de modo algum, sinônimo de *virtude*. Inocência é a pureza negativa tal como a vemos nas crianças, sendo

muitíssimo diferente da virtude que conquistamos através do fogo das tentações, a qual conservamos enquanto trilhamos o caminho do bem, guiados pelo inato senso de retidão. A inocência não pode ser submetida a provas; por isso, é menos valiosa que a virtude do pecador que se arrepende, regenera-se e toma forte e decididamente o partido da retidão por reconhecer nisso a senda da paz e da alegria, e também por ter conhecido os sofrimentos que encontrou na trilha do erro.

Amfortas é tentado, cede e sofre. Parsifal presencia aquele sofrimento e pode compartilhar de sua dor porque, quebrando seu arco, tornara-se inofensivo. O homem que mata não pode sentir compaixão. O inofensivo tem um coração terno e vê o benefício que a dor traz. Parsifal sente-se, de modo geral, alegre e satisfeito após deixar Herzleide - a Dor - para trás. Encontra-se depois naquele jardim de donzelas-flores, sua face brilhando de cândido prazer. Então, surge a tentação Kundry e isto causa dor, aquela dor incomum para ele. Por força de associação, surge, ante sua visão interna, aquela outra cena em que sentia a mesma dor - a cena do Castelo do Graal, onde o rei ferido celebrava o ritual sagrado. E aí, Parsifal vê e compreende, em razão da simpatia gerada por sua inofensividade. Não fosse por isso, ele também poderia ter caído nas sutis tentações de Kundry.

Klingsor é a própria antítese de Parsifal. Ele não é tolo. Tem conhecimento e, por conhecer, exerce e mantém seu poder inteiramente separado do desejo carnal. Para isto, chegou a castrar-se, *matando assim totalmente o desejo ao invés de dominá-lo*. Quando trilhamos a senda mística, os desejos despertam mais poderosamente, de modo que, a menos que nos tenhamos tornado inofensivos e deixado de comer alimentos saturados de desejos inferiores, ficamos extremamente sujeitos a cair. Confirma isto o notório fato de alguns indivíduos super-devotos terem já arrastado à igreja a grandes escândalos, em razão dos fortíssimos e irresistíveis apelos de seu sexo. Denunciados como hipócritas, eles na realidade eram autênticos, mas não puderam dominar as fortes ondas de desejo que os afogavam devido ao alimento impuro.

Klingsor não estava disposto a correr tais riscos, por isso mutilara-se seu órgão sexual. Impedindo-se assim de gratificar o desejo ardente e perder em

consequência seu poder, conforme ocorrera a Amfortas quando cedeu à sedução de Kundry.

Em O Anel dos Nibelungos, ouve-se também o mesmo princípio: aquele que almeja o poder precisa renegar o amor mundano. Alberico, o Nibelungo, faz isso para apoderar-se do “ouro do Reno”, que se converte em maldição para os deuses e para o homem.

Quando a cabeça ou o intelecto governa independentemente dos sentimentos, conforme se dá com o intelectual ocultista, a senda negra desdobra-se diante do homem, mas na combinação de cabeça e coração, acha-se o verdadeiro equilíbrio, a única segurança.

Amfortas poderia não ter caído se tivesse sido inofensivo, mas ele havia tencionado usar indevidamente o poder espiritual simbolizado pela lança. Ia usá-la sem o necessário discernimento contra Klingsor, por conseguinte, este reage e fere-o. Ambos, mago negro e mago branco, usam a mesma força - poder espiritual - e é tão impossível usar-se uma força espiritual para ferir um homem espiritual quanto afogar um peixe n'água. Por conseguinte, quando Klingsor arremessa o poder espiritual - a lança - contra Parsifal, esta fica apenas pairando sobre ele que então a dirige contra o castelo, não contra Klingsor.

O bom nunca usa o bem para destruição direta do mal. Fá-lo só indiretamente, para mostrar o maior poder do bem.

Assim como a flor absorve força vital, o poder espiritual dos raios solares de maneira ingênua e pura ao desabrochar sua inocente beleza, assim também precisa desabrochar em forma de pureza e inofensividade o poder espiritual latente no homem. Tampouco devemos matar o desejo ou nos furtar a expressão dos sentimentos, conforme se dá com alguns que fazem votos de castidade e ingressam em mosteiros e outros ambientes, onde se isolam das tentações ou, pelo menos, onde estas não se podem converter em atos. O desejo pode ser tão forte no monge quanto no Cavaleiro, mas o primeiro torna impossível sua gratificação pelo voto jurado, enquanto o segundo é livre para escolher entre o bem e o mal. Se este virilmente vence, a tentação, como fez Parsifal, desperta em seu ser aquele amor superior que está tão distante do amor sensual quanto o céu

está do inferno.

Nós, como cristãos, assemelhamo-nos ao Rei Amfortas: perdemos temporariamente nosso poder espiritual em decorrência de nossos abusos e impurezas, mas, das cinzas destas condições, ressurgirá a Nova Cristandade simbolizada por Parsifal, que há de curar os sofrimentos do velho e tomará seu lugar. Esta condição pessoal, simbolizada pelo Santo Graal, é o estado humano em que o provisório cede lugar ao duradouro e permanente.

Mantemos nossos corpos com alimentos cárneos de grande instabilidade. Mesmo as verduras não são estáveis no organismo. Nossos corpos trocam tudo e modificam-se em conjunto em poucos anos. Por outro lado, a planta possui um corpo que dura eras, mesmo após haver sido abandonada pela vida, como se pode ver nas construções de madeira que duram séculos seguidos. Qual o segredo?

A árvore é quase toda carbono puro. Mas de onde ela tira esse carbono? Do dióxido de carbono exalado pelo animal e pelo homem. Em outras palavras: *a cada respiração, jogamos fora aquilo que, se conservado, faria nosso corpo duradouro.* Em que se transforma a árvore? Dentro de alguns milênios converte-se em carvão - ou carbono preto. E a substância mais durável e mais saudável sobre a Terra é o carbono branco - ou diamante.

Se pudéssemos descobrir um meio de reter o carbono que exalamos, então converter-nos-íamos naquilo que os hindus chamam de Alma Diamantina - o perfeito corpo imortal. Estaríamos produzindo o que os Rosacruz denominam de Pedra Filosofal, que é o Elixir da Vida, a panacéia para todos os males do mundo. Saberíamos, então, o significado do mar de cristal da Nova Jerusalém e poderíamos entender o significado do Mar de Bronze ², que foi a última obra de Hiram Abiff, o grande arquiteto do Templo de Salomão, construído sem o uso das mãos. Tudo isso expressa a mesma verdade transmitida pelo Santo Graal, e que é alcançada somente pelos puros de coração, por aqueles que venceram o mundo e se tornaram auxiliares da humanidade.

Notas do Editor:

¹ Em 1884, Max Heindel, então Carl Louis Grasshooff viajou para Glasgow . Nesta cidade ele conheceu sua primeira esposa, Catherine Dorothy Wallace que trabalhava com litografia. Ela era natural de Glasgow, nascida em 4 de janeiro de 1869 e filha do fabricante de boilers James Barr e Mary Anne Wallace. Carl tinha apenas vinte anos quando se casou com esta jovem de dezesseis anos, em 15 de dezembro de 1885. O casal deixou Glasgow e fixaram residência em Liverpool. Foi nesta época que Carl comprou uma cópia do periódico "**London Light**" e leu pela primeira vez o poema "**A Prayer**" de Florence May Holbrook (1860-1932), que provocou uma profunda impressão sobre ele que jamais a esqueceu.

² "Mar de Bronze também é conhecido como "Mar Fundido", "Fonte da Consagração" , "Lavaboda Consagração" e "Lavabo da Purificação" ao longo da literatura Rosacruz. Sua origem remonta ao ano 1005 A.C. quando o Rei Salomão encomendou sua fabricação ao architekton ("grande construtor") Hiram Abiff, tendo sido destinado às abluções sacerdotais de efeito simbolicamente depurador."

Anexo:



ORIGEM DA ORAÇÃO ROSACRUZ
Por António de Macedo

Na conferência sobre «The Mystery of the Holy Grail», publicada em folheto em 1909 e incluída no livro *The Rosicrucian Christianity Lectures*, editado postumamente em 1939, Max Heindel ao referir-se à eficácia da verdadeira oração previne-nos contra as orações de carácter egoísta, palavrosas e sem um verdadeiro amor pelo nosso próximo, que frustram a finalidade que uma oração deve servir. A oração genuinamente eficaz, pelo contrário, deve estar em perfeita harmonia com a Natureza de Deus, que é **Amor**. Em seguida conta como encontrara uma oração em forma de poema na revista *London Light* alguns anos antes*, e intitulou-a: **AN IDEAL PRAYER (Uma Prece Ideal)** tendo-a conservado, desde então, como um tesouro inestimável. E, no texto dessa conferência, Max Heindel acrescenta: *“Este é o tipo de oração que eleva e enobrece, e quanto mais se cultivarem e mantiverem estas sublimes aspirações tanto mais se elevam os dois éteres superiores do corpo vital. Por isso as Igrejas dizem orai sem cessar, e nisso estão de acordo com os ensinamentos ocultos pois dessa maneira actua-se sobre o corpo vital pela repetição constante de aspirações elevadas.*

Antes de podermos seguir a Senda Oculta é absolutamente necessário que se afrouxem os laços que prendem os dois éteres superiores aos dois éteres inferiores, pois a condição para podermos funcionar sem perigo fora do corpo denso, é que saíamos envolvidos naqueles, deixando o corpo denso ao cuidado destes”.

Esta oração foi adoptada por [The Rosicrucian Fellowship](#) para ser lida entre a conferência e o Hino de Encerramento, no Serviço do Templo. O original inglês consta de seis quadras, em versos rimados, o que perfaz um total de 24 versos. Sabemos que 24 é um número cheio de significado, e a musicalidade da poesia pode acordar ressonâncias especiais nas subtis regiões do 2.º e 3.º Céus. Como as traduções portuguesas que se conhecem são em prosa, fica prejudicado um componente importante, melódico e espiritual, ainda que os conceitos do conteúdo estejam correctamente traduzidos. O texto original, da professora, poetisa e pacifista americana Florence May Holbrook (1860-1932), é o seguinte:

A Prayer



Oração, Albrecht Durer (1471 - 1528)

*Not more of Light I ask, O God,
But eyes to see what is;
Not sweeter songs, but ears to hear
The present melodies.*

*Not more of strength, but how to use
The power that I possess;
Not more of love, but skill to turn
A frown to a caress.*

*Not more of joy, but how to feel
Its kindling presence near,
To give to others all I have
Of courage and of cheer.*

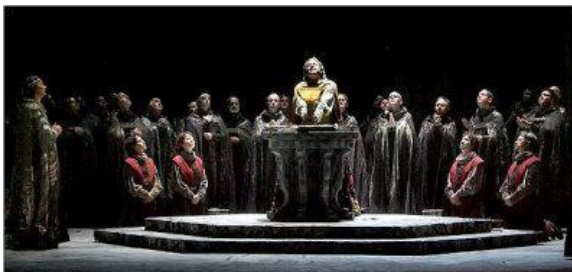
*No other gifts, dear God, I ask,
But only sense to see
How best those precious gifts to use
Thou hast bestowed on me.*

*Give me all fears to dominate,
All holy joys to know;
To be the friend I wish to be,
To speak the truth I know.*

*To love the pure, to seek the good,
To lift with all my might
All souls to dwell in harmony,
In freedom's perfect light.*

O Centro Rosacruz Max Heindel (Benavente, Portugal) empreendeu a grata tarefa de apresentar uma nova tradução, que, respeitando o conteúdo, ao mesmo tempo procurasse preservar a musicalidade dos 24 versos rimados do original:

ORAÇÃO ROSACRUZ



*Não mais Luz, Senhor, Vos peço,
Mas olhos para ver a existente,
Nem canções mais doces; mas, se o mereço,
Ouvidos para ouvir o Som presente.*

*Nem mais forças, mas apenas como usar
O divino poder que já possúo;
Nem mais amor,mas o dom de transformar
Num gesto de carícia um esgar de amúo.*

*Nem mais alegria, Senhor, mas sim sentir
No meu íntimo a sua cálida presença,
Para poder aos demais distribuir
Quanto tenho de coragem e bem-querença.*

*Não mais dádivas,amado Deus, Vos peço,
Mas apenas o saber e a inspiração
De espalhar à minha volta com sucesso
As que tenho a transbordar do coração*

*Infundi-me todos os temores para que os domine,
E todas as santas alegrias, para as conhecer,
A fim de ser o amigo certo que desejo ser,
E para que a chama da Verdade eu dissemine;*

*Sendo capaz de à pureza amar, e à bondade,
Para elevar com toda a alma e energia
Até à luz da mais perfeita liberdade
As demais almas, num empíreo de harmonia.*

A FRATERNIDADE ROSACRUZ

1. A FRATERNIDADE ROSACRUZ E A SUA MISSÃO

A Fraternidade Rosacruz Max Heindel não é uma seita ou organização religiosa, mas sim uma grande Escola de Pensamento. A sua finalidade principal é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida ao mundo por Max Heindel, escolhido para esse fim pelos Irmãos Maiores da Ordem Espiritual.

Os seus ensinamentos projetam luz sobre o lado científico e o aspeto espiritual dos problemas relacionados com a origem e evolução do homem e do Universo. Tais ensinamentos, contudo, não constituem um fim em si mesmo, mas um meio para o ser humano se tornar melhor em todos os sentidos, desenvolvendo assim o sentimento de altruísmo e do dever, para o estabelecimento da Fraternidade Universal.

O fim a que se destina a Filosofia Rosacruz é o de despertar a humanidade para o conhecimento das Leis Divinas, que conduzem toda a evolução do homem, e, ainda:

- (I) Explicar as fontes ocultas da vida. O homem, conhecendo as forças que trabalham dentro de si mesmo, pode fazer melhor uso das suas qualidades;
- (II) Ensinar o objetivo da evolução, habilitando o homem para trabalhar em harmonia com o Plano Divino e desenvolver as suas próprias capacidades, ainda desconhecidas para a grande parte da humanidade;
- (III) Mostrar as razões pelas quais o Serviço amoroso e desinteressado ao próximo é o caminho mais curto e mais seguro para a expansão da consciência espiritual.

O Movimento Rosacruz, mundialmente iniciado pelo engenheiro Max Heindel, é fundamentalmente uma Escola de reforma interna para a humanidade, uma Escola de desenvolvimento e expansão da consciência,

tratando da nossa origem espiritual e da finalidade da nossa evolução. Foram publicados livros e organizados cursos por correspondência para os aspirantes que desejam estudar as verdades espirituais, mas como auxílio e não como fim em si mesmo, pois o estudo, em si só, não basta. A teoria precisa da experiência, obtida mediante a prática, para ser desenvolvida em sabedoria e poder. E, precisamente, a Fraternidade Rosacruz destina-se a prestar a orientação necessária aos aspirantes, para se chegar à aplicação da Lei Espiritual na solução dos problemas individuais e coletivos.

"O que uma geração considera como o máximo de saber, é frequentemente considerado como absurdo em gerações seguintes; e o que, num século, é considerado como superstição ou ilusão, pode formar a base da ciência nos séculos vindouros."

(Paracelso)

"Ao discípulo da antiga sabedoria é ensinado a perceber que o homem não é essencialmente uma personalidade, mas um espírito."

(Manly P.Hall)

2. OS NOSSOS PRINCÍPIOS

Os princípios que nos inspiram são os que Max Heindel, fundador de The Rosicrucian Fellowship, definiu em consonância com as instruções recebidas dos Irmãos Maiores, e que, basicamente, se resumem em divulgar os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental, e em auxiliar todos os que sofrem.

3. A NOSSA ATIVIDADE

A atividade da Fraternidade Rosacruz – Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux (Amadora), pode-se subdividir em três categorias: devocional, didática e divulgadora.

Devocional

Aos Domingos, quinzenalmente celebra-se o Serviço Devocional (de Templo) pelas 10:30 horas, seguido de uma sessão do Grupo de Estudos para alunos da Filosofia Rosacruz.

Quando o Sol entra num signo cardinal celebram-se os Serviços equinociais e solsticiais, que marcam a entrada das estações do ano.

A Páscoa Cristã e o Natal, também são celebrados segundo a tradição rosacruz.

Didática

- Disponibilizam-se cursos de Filosofia Rosacruz (Preliminar e Suplementar), Interpretação da Bíblia à Luz da Filosofia Rosacruz e Astrologia Espiritual (Elementar, Superior e Suplementar) por correspondência postal ou e-mail.
- Efetuam-se nas primeiras segundas-feiras de cada mês as Leituras Rosacruzes pelas 21:15 horas.
- Mensalmente em data anunciada é efetuada uma atividade de serviço público.

Divulgadora

- Trimestralmente é publicada a revista Fiat Lux do Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux, versando temas da Filosofia Rosacruz, de Astrologia, Vegetarianismo/Veganismo e Poesia, entre outros.
- Divulga, também, para os nossos membros e amigos, diversos textos de Max Heindel e de outros autores da nossa escola, publicados pela Sede Mundial e Centros credenciados.
- Mantém um site na Internet para divulgação das principais obras da Fraternidade Rosacruz Max Heindel, e para apoio ao estudante, numa área reservada. Os temas do Misticismo e Ocultismo Cristão são tratados dentro da Tradição Espiritual do Ocidente.

4. CONDIÇÕES DE ACESSO

A filiação está aberta para todas as pessoas que aspiram percorrer este caminho cristão espiritualista, que é a Associação Internacional Rosacruz de Cristãos Místicos. Desejando-a, poderá solicitá-la por carta ou e-mail, expressando as razões pelas quais se inclina pela Filosofia Rosacruz, e enviando-nos o nome completo, endereço, data de nascimento, estado civil e ocupação. Os pedidos de filiação deverão ser dirigidos ao Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux; Rua Conde Castro Guimarães nº13, 3º Esq; 2720-113 Amadora; Portugal; mail: rosacruzfiatlux@gmail.com; Telem: +351 913 072 400

Os conhecimentos e as faculdades espirituais apenas serão utilizados legitimamente quando postas ao serviço amoroso e desinteressado do próximo.

A Fraternidade Rosacruz desaprova qualquer comercialização de forças ou conhecimentos espirituais, bem como o seu desenvolvimento negativo, tão prejudicial a quem é alvo da sua prática como a quem lhe serve de veículo. Desta forma, astrólogos e quiromantes profissionais, e ainda médiuns e hipnotizadores praticantes terão o seu pedido de inscrição negado até abandonarem, de imediato, tais práticas.

5. OS RECURSOS

Por vontade do seu fundador, o ingresso na Fraternidade Rosacruz, em nenhum caso, está condicionado a obrigações monetárias, não havendo taxas ou mensalidades obrigatórias. Todos os gastos da Fraternidade são cobertos por contribuições e donativos, voluntários, de estudantes e simpatizantes que desejem colaborar com o reembolso de despesas feitas com a produção do material de divulgação e envio, via postal dos cursos por correspondência e solidarizar-se com a Obra Rosacruz.

CONFERÊNCIAS

- I - O enigma da vida e da morte
- II - Onde estão os mortos
- III - Visão espiritual e mundos espirituais
- IV - Sono, Sonhos, Transe, Hipnotismo, Mediunidade e Insanidade
- V - A Morte e a Vida no Purgatório
- VI - Vida e Atividade no Céu
- VII - Nascimento: um Acontecimento Quádruplo
- VIII - A Ciência da Nutrição, da Saúde e da Juventude Prolongada
- IX - Alegorias Astronômicas da Bíblia
- X - ASTROLOGIA - Seu Alcance e Limitações
- XI - Visão e Compreensão Espirituais
- XII - PARSIFAL - Célebre Drama Musical Místico de Wagner
- XIII - Os anjos como fatores da evolução
- XIV - Lúcifer: tentador, benfeitor ou ambos?
- XV - O Mistério do Gólgota e o Sangue Purificador
- XVI - A Estrela dd Belém: um facto místico
- XVII- O Mistério do Santo Graal
- XVIII-
- XIX-
- XX -

Imagem de capa

"The Knight of the holy Grail":de Martin Wiegand (1867-1961)
from Parsifal (1882) by Richard Wagner



Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux
Rua Conde Castro Guimarães nº13, 3º Esq
2720-113 Amadora, Portugal
mail: rosacruzfiatlux@gmail.com
tlm: +351 913 072 400